

Milho: preços elevados mesmo com super-safra norte-americana

Super-safra norte-americana

Em seu boletim de oferta e demanda mundial de setembro o Usda reestimou para cima suas projeções para a safra 2007/08. Segundo o órgão o mundo deve colher na próxima temporada 774,1 milhões de toneladas, recorde da produção do cereal. Será um aumento de mais de 10% em relação ao volume da safra 2006/07. Com isto, deve haver até uma pequena recuperação dos estoques mundiais, agora estimados em 105,44 milhões de toneladas, 4,5% acima do volume em estoque no final de 2006/07.

Nota-se, contudo, que esta melhora apareceu principalmente na avaliação do órgão em setembro, haja vista que até agosto sua estimativa era da colheita de apenas 771,5 milhões de toneladas. Em decorrência disto, a nova estimativa para os estoques finais ocorreu também somente em setembro, haja vista que até agosto a estimativa era de estoques de somente 102,2 milhões de toneladas.

O principal fator para esta mudança é a melhora nas condições para a produção nos Estados Unidos, que agora devem colher 338 milhões de toneladas, 26% acima do colhido em 2006/07 e quase 2% acima da previsão do Usda até agosto último. Se de um lado o consumo deve aumentar, em relação à 2006/07, 14%, do outro as exportações norte-americanas serão de apenas 57,2 milhões de toneladas em 2007/08. Com isto, mesmo com este número representando um aumento de quase 5% entre as previsões entre agosto e setembro deste ano para as exportações, os estoques finais daquele país aumentam em relação à estimativa de agosto, agora estimados em 42,6 milhões de toneladas.

Milho: Estimativas do Balanço de Oferta e Demanda Mundial, Norte-Americana e Argentina para 2007/08

Item	Mundo			Estados Unidos			Argentina		
	Agosto	Setembro	Var. %	Agosto	Setembro	Var. %	Agosto	Setembro	Var. %
Est. inicial	100,2	101,0	0,8	28,9	29,0	0,5	1,2	1,2	0,0
Produção	771,5	774,1	0,3	331,6	338,0	1,9	24,0	22,5	-6,3
Importação	85,3	87,9	3,0	0,4	0,4	0,0	0,0	0,0	-
Exportação	86,0	88,6	3,0	54,6	57,2	4,7	16,0	16,0	0,0
Consumo	769,5	769,6	0,0	267,7	267,7	0,0	7,1	6,7	-5,6
Est. final	102,2	105,4	3,1	38,5	42,6	10,5	2,1	1,0	-53,4

Fonte: Usda. Elaboração: Deser. Em milhões de t.

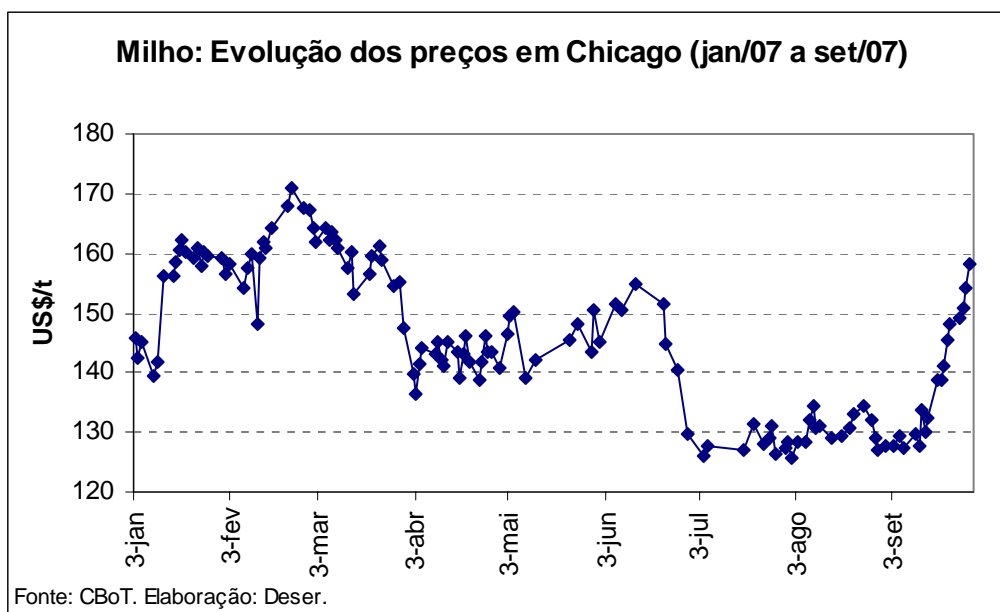
Preços continuam aumentando no mercado mundial

Mesmo com o aumento da produção nos Estados Unidos e no mundo, com uma possível melhora nos estoques finais, os preços do milho no mercado mundial não apresentaram quedas significativas.

Atualmente em Chicago o cereal é negociado a US\$ 158,00/t, 9% acima do nível de preços do início do ano e 46% maior que os níveis de um ano atrás. Da

mesma forma, o milho FOB portos argentinos hoje é negociado a US\$ 160,00/t, contra menos de US\$ 110,00/t em setembro do ano passado.

O principal motivo para este comportamento, mesmo com a aparente melhora nas condições de abastecimento para 2007/08, é a necessidade constante de aumento do uso do cereal para a produção de etanol. A previsão, mesmo com uma boa produção neste ano, é de que para 2008/09 os Estados Unidos terão, se quiserem continuar substituindo gasolina por álcool, que aumentar este consumo entre 4 e 5%, o que exigirá ainda mais milho para este fim. Além disso, as previsões de preços do petróleo acima dos US\$ 80,00/t em 2008 trazem possibilidades de preços ainda mais convidativos para o vendedor do cereal no próximo ano.



Problemas para a safra no Brasil em 2007/08

Com o fim da colheita da safrinha de 2006/07, estão praticamente definidos os volumes desta safra que, no seu total (primeira mais segunda safra) atingiu volume superior a 51 milhões de toneladas. Assim, com o abastecimento do mercado interno dependendo deste volume até a entrada da próxima safra, o início do plantio e a evolução das lavouras da safra 2007/08 passam a ser cada vez mais importantes na composição dos preços.

A princípio, mesmo não tendo ainda um número oficial, a estimativa é de a safra no Brasil em 2007/08 possa ser superior àquela de 2006/07. Isto decorre de alguns fatores, entre eles: 1) os elevados preços do produto frente a outros concorrentes para área no verão, entre eles o feijão; 2) redução da área plantada com feijão no verão e 3) menor custo de implantação desta cultura frente à soja. Entretanto, fatores adversos ainda podem fazer desta evolução não tão significativa, dos quais os mais importantes parecem ser: 1) a concorrência com a cana por área disponível e 2) os efeitos de “el nino” por qual deve passar a safra 2007/08, que deve trazer queda no nível de chuvas.

Destes efeitos já estão sofrendo as lavouras no Estado do Paraná, o único a já ter uma estimativa para o plantio da safra 2007/08. Segundo a Seab/Deral, naquele Estado serão semeados com milho 1ª safra 1,36 milhão de hectares, apenas 3% acima da área de 2006/07, mas cuja produção deve ser de apenas 8,7 milhões de toneladas, quase 2% inferior ao obtido na safra passada em virtude, principalmente, do excelente comportamento climático na última temporada, que permitiu obter índices

muito elevados de produtividade. Esta expectativa se confirma atualmente no momento do plantio, pois há regiões no Estado, principalmente aquelas mais ao norte, em que há pelo menos 60 dias não chove, atrasando os trabalhos de semeadura.

No Rio Grande do Sul, ao contrário, até o momento não há estimativas oficiais, mas a expectativa é de ocorra pequeno aumento na área plantada. Entretanto, neste Estado o excesso de chuvas também está atrasando o plantio.

Com isto, verifica-se que não se pode esperar um volume significativamente maior na safra 2007/08 em relação à safra passada. Neste sentido, não é descabida a estimativa do Usda de uma produção de apenas 51 milhões de toneladas em 2007/08, como divulgado por aquele órgão em setembro último.

A divulgação da primeira estimativa para a safra 2007/08 no Brasil deve ser divulgada no início de outubro, ainda como intenção de plantio, deve confirmar uma safra, a nosso ver, no máximo pouco superior àquela de 2006/07. Além disso, o “el nino”, que deve fazer deste verão um verão mais seco que o de outros anos, é outro complicador para a obtenção de uma safra maior que a da temporada passada.

Consumo pelo setor carnes continua crescendo

Se há dúvidas quanto a um aumento na produção para a próxima temporada, o ritmo de atividade do setor processador continua firme. Principalmente na avicultura, o nível de embarques para o exterior atingiram até julho deste ano 1,7 milhões de toneladas, 25% acima do volume de embarque entre janeiro e julho de 2006. Com isto, a expectativa da Abef (Associação Brasileira de Exportadores de Carne de Frango) é de embarques de até 3,2 milhões de toneladas neste ano. Da mesma forma, a produção de frango atingiu, entre janeiro e julho deste ano, 5,8 milhões de toneladas, quase 9% maior em relação à produção de 2006. Com a produção de pintos de corte aumentando 13% entre janeiro e julho deste ano em relação ao mesmo período do ano passado, com junho e julho se constituindo nos meses de maior nível de produção, verifica-se que o consumo de milho por parte deste setor neste restante de ano deverá se intensificar.

Em relação à suinocultura, foram produzidos janeiro e junho deste ano 1,19 milhão de toneladas de carne de suíno, volume quase 7% acima do volume produzido no primeiro semestre de 2006. Este crescimento se deve, entretanto, ao segundo trimestre, quando foram produzidas 603,6 mil toneladas de carne suína, volume quase 9% superior ao volume produzido em igual período de 2006.

Assim verifica-se, também para o caso do setor suíno, a intensificação do consumo de milho neste segundo semestre do ano.

Exportações podem passara das 10 milhões de toneladas em 2007

Além de uma intensificação do consumo de milho no mercado interno, está havendo também o aumento das vendas externas de milho neste ano de 2007, como já antecipado por este boletim em sua última edição.

Segundo estimativas do Mdic/Secex, até agosto deste ano, 5,61 milhões de tonelada de milho, contra apenas 2,45 milhões de toneladas em igual período de 2006, num aumento portanto de 129% de um ano para outro.

Como as estimativas são de exportações em setembro entre 1,2 e 1,4 milhão de toneladas, verifica-se que até setembro terão saído do Brasil para o mercado mundial um volume entre 6,81 e 7 milhões de toneladas. Com isto, restarão apenas 3 milhões de toneladas, ou pouco mais, para o atingimento do recorde histórico da venda de 10

milhões de toneladas exportadas de milho numa no civil a partir de território brasileiro.

Com a chegada do final do ano e a intensificação do consumo de carne no mundo, a expectativa agora é para o atingimento de um volume até superior às 10 milhões de toneladas. Isto significará, com certeza, uma pressão de demanda muito grande para o mercado de milho até a entrada da próxima safra, a partir do final de janeiro próximo.

Governo começa a leiloar estoques

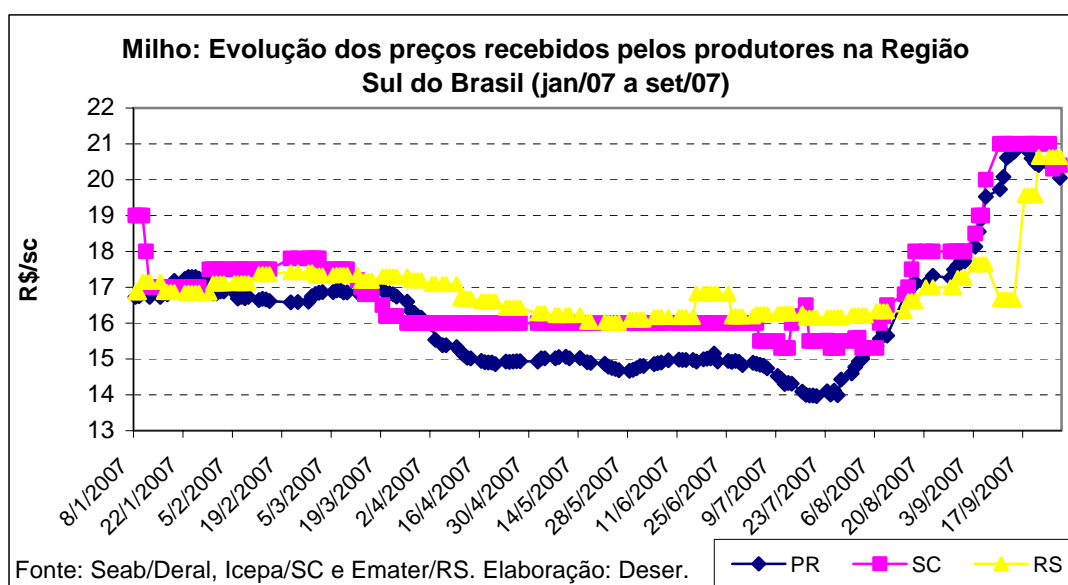
Devido à escala dos preços do milho nos dois últimos meses, e atendendo aos pedidos do setor consumidor, especialmente da avicultura e suinocultura, o governo lançou mão da venda de parte de seus estoques em agosto e setembro último.

Assim, foram 195,88 mil toneladas negociadas na forma de venda direta, principalmente de produto no Centro-Oeste do país para entrega ou no Sul ou no Nordeste.

Embora em volume relativamente reduzido em comparação ao tamanho total da safra nacional, este volume permitiu dar um fôlego aos compradores desde o início de setembro, principalmente.

Preços sobem no mercado interno, mas perdem ritmo a partir de meados de setembro

Com a situação descrita acima, os preços do produto evoluíram sensivelmente no mercado interno até meados de setembro, quando estagnaram e voltaram a recuar levemente. No Paraná, por exemplo, os agricultores atualmente recebem R\$ 20,50/sc contra até R\$ 20,80/sc de meados de setembro. Em Santa Catarina receberam até R\$ 21,00/sc em meados de setembro, recebendo atualmente somente R\$ 20,40/sc. No Rio Grande do Sul é o único Estado onde os produtores atualmente recebem preços acima daqueles de meados de setembro. Isto ocorre, principalmente, por ser este Estado estar mais distante das regiões produtoras.



Devido à intensificação do consumo como descrito acima, verifica-se que os leilões do governo efetivamente serviram para dar uma segurada nos preços aos agricultores na Região Sul do Brasil. Além disso, não se pode esquecer que se passa

no momento pelo período de preparação para a próxima safra, quando os agricultores têm que fazer seus gastos para a aquisição de insumos e, portanto, na necessidade de fazer caixa, aumentam o nível de oferta. Este fator certamente em muito influenciou a tendência de estagnação nos preços verificada a partir da segunda quinzena de setembro.

Entretanto, por conta principalmente da intensificação do consumo do setor carnes, não acreditamos em queda acentuada dos preços ainda neste ano.